

**TRANSITIVIDADE DO VERBO IR – DIVERGÊNCIAS ENTRE
GRAMÁTICOS E NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA
(NGB) E APRESENTAÇÃO DESSE CONTEÚDO EM LIVROS
DIDÁTICOS E GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Elaine Falsetti da Silva¹

RESUMO: Mesmo 56 anos após a publicação da NGB, ainda nos deparamos com múltiplas divergências de nomenclatura gramatical entre autores/gramáticos. Uma delas está relacionada com a transitividade do verbo “ir”. Este artigo objetiva comprovar a existência dessas divergências nas obras de alguns autores/gramáticos. Para tanto, conceituamos certos fenômenos e termos gramaticais, como predicação verbal, regência do verbo “ir” e natureza dos complementos verbais e do adjunto adverbial, para orientar melhor os leitores. Como metodologia, foram analisados livros didáticos e gramáticas pedagógicas com a finalidade de observarmos como seus autores assumiram essas divergências ligadas à transitividade do verbo “ir” ao apresentarem esse conteúdo em suas obras. Mediante análise e discussão dos dados, obtivemos como resultado a constatação da falta de consenso entre os estudiosos quanto à transitividade do verbo “ir”, principalmente no que tange à natureza e à nomenclatura de seu complemento. Concluímos que a mesma discrepância de opiniões existente entre gramáticos tradicionais acerca da transitividade do verbo se faz presente também entre os livros didáticos analisados neste estudo. Quanto às gramáticas pedagógicas analisadas, percebemos que seus autores são unânimes quanto à transitividade do verbo “ir”, no que diz respeito à classificação e natureza do termo que o acompanha no predicado.

Palavras-chave: NGB; Divergências; Transitividade.

**Transitivity of the verb to go - differences between grammars and Brazilian grammar
nomenclature (ngb) and presentation of this content in didactic books and pedagogical
grammars**

ABSTRACT: Even after 56 years after the NGB publication, we still face multiple differences in grammar nomenclature between the authors/grammar experts. One of them is related to the transitivity of the verb "to go". This work aims to prove the existence of the differences among some authors/grammar experts' works. For this, was conceptualized certain phenomena and grammar terms, such as verbal predication, verbal regency of the verb "to go" and the nature of the verbal complements and the adverbial adjunct, to better guide the readers. As methodology, was analyzed didactic books and pedagogical grammars with the purpose of observing how the authors took on this differences related to the transitivity of the verb “to go” as they presented this content in their works. Through the data analysis and discussions, a lack of consensus between the scholars when it comes to the transitivity of the verb "to go" was obtained as a result to this finding, especially related to the nature and the nomenclature of its complement. We concluded that the same gap in the opinions exists between the traditional grammar experts about the transitivity of the verb can also be found between the didactic books that were analysed in this work. About the pedagogical grammars analysed, we

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté, SP, Brasil, elainefalsetti@hotmail.com.

noticed that their authors are unanimous as for the transitivity of the verb "to go", when it comes to the classification and nature of the term that follows it in the predicate.

Keywords: NGB; Differences; Transitivity.

0 INTRODUÇÃO

Uma das concepções de gramática mais difundidas é a de um conjunto de regras com um papel claro de disciplinar a língua de um povo.

Essa gramática, denominada normativa, prescritiva ou tradicional, parte de um modelo de língua escrita utilizada por autores considerados “clássicos” e estabelece, então, a chamada norma padrão, considerada perfeita e de maior prestígio social.

No entanto, é inegável que toda língua varia e que há diversos fatores que motivam essa variação: sociais, econômicos, políticos, religiosos, entre outros. Além disso, essa variação ocorre em todos os níveis de uma língua: fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático, lexical.

Nesse sentido, consideramos que se estabelece, então, uma problemática para gramáticos, professores e usuários de uma língua: como normatizar, disciplinar, um organismo vivo e em constante mudança como a língua de um povo?

É pertinente destacarmos aqui que, além das variações que ocorrem em todos os níveis de uma língua, há também uma diversidade de nomenclatura gramatical que sempre vigorou. Uma tentativa de unificação e simplificação da nomenclatura gramatical surgiu no cenário brasileiro em 1959, quando o Ministério da Educação publicou a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).

Entretanto, mesmo 56 anos após a publicação da NGB, ainda nos deparamos com múltiplas divergências de nomenclatura gramatical entre vários autores/gramáticos.

Nesta pesquisa, cujo objetivo é apresentar a existência de divergências de nomenclatura gramatical nas obras de alguns autores/gramáticos, tomamos como um exemplo o caso da transitividade do verbo “ir”. Conceituamos certos fenômenos e termos gramaticais, segundo alguns gramáticos, como predicação verbal, regência do verbo “ir” e natureza dos complementos verbais (objetos direto e indireto) e do adjunto adverbial para orientar melhor os leitores.

Como metodologia, foram analisados livros didáticos e gramáticas pedagógicas com a finalidade de observarmos como seus autores assumiram essas divergências ligadas à transitividade do verbo “ir” ao apresentarem esse conteúdo em suas obras.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para analisarmos a transitividade do verbo “ir”, expusemos o conceito de alguns fenômenos e termos gramaticais, segundo alguns gramáticos. Consideramos relevante nessa análise discorrer sobre a predicação verbal, a regência do verbo “ir” e sobre a natureza dos complementos verbais (objetos direto e indireto) e do adjunto adverbial.

1.1.– A predicação verbal

De acordo com Macambira (1997), predicação é o ato de afirmar alguma coisa sobre outra coisa. Ela pode ser completa, se o verbo não exige complemento; ou incompleta, se o exige.

Tendo em vista essa definição do autor, os verbos são por ele assim divididos: transitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto – indireto, intransitivo, copulativo ou de ligação, transobjetivo ou transpredicativo.

É interessante notar, entretanto, que o autor excetua alguns verbos intransitivos, que não exigem complemento, afirmando que estes requerem um complemento de lugar, indispensável à predicação. Fazem parte da lista do gramático em questão os verbos “ir” (objeto de nosso estudo neste artigo), “voltar” e “morar”.

Bechara (2001) também endossa esse conceito de predicação verbal ao afirmar que os verbos que dispensam complemento se chamam intransitivos e os que precisam de complemento recebem o nome de transitivos. Segundo o autor, os complementos dos verbos transitivos se dividem em dois grupos – diretos e indiretos – conforme venham ou não iniciados por preposição necessária.

A exemplo de Macambira (1997), Bechara (2001) também faz uma observação especial em sua obra com relação aos verbos “ir” e “voltar”, chamando-os de verbos transitivos adverbiais, isto é, aqueles que pedem como complemento uma expressão adverbial. Em nota, o autor ainda informa que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) é

contra o conceito de complemento verbal nesses casos, arrolando-os entre os adjuntos adverbiais.

Rocha Lima (2002) detalha um pouco mais a transitividade do verbo “ir”, afirmando que este necessita de um complemento de natureza adverbial, chamado por ele de complemento circunstancial, que é, segundo o autor, “tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais”. Afirma ainda que “por seu valor de verbo de direção, *ir* exige, por assim dizer, a preposição *a* para ligá-lo ao termo locativo”. (ROCHA LIMA, 2002, p. 252)

Luft (1995), porém, contraria o posicionamento dos autores mencionados anteriormente quando, em seu dicionário de regência, encabeça a lista de classificação do verbo “ir” como transitivo indireto, o que pressupõe a necessidade de um objeto indireto para lhe completar o sentido.

Notamos, então, que a maioria dos gramáticos citados nesta análise arrola o verbo “ir” na categoria dos verbos intransitivos e admite que ele necessita de um complemento. No entanto, não é consenso entre os estudiosos a natureza e a nomenclatura desse complemento que, por vezes, é chamado de complemento de lugar, expressão adverbial, complemento de natureza adverbial, complemento circunstancial, termo locativo e objeto indireto. Entretanto, vale lembrar que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) só abriga dois tipos de complementos verbais, ou seja, objeto direto e objeto indireto.

1.2.– A regência do verbo “ir”

Por ocupar-se das relações de dependência que as palavras mantêm na frase, a sintaxe de regência também será observada em nossa análise.

Em seu dicionário de regência, Luft (1995), ao classificar em primeiro lugar o verbo “ir” como transitivo indireto, elenca algumas preposições que o acompanham a fim de completar-lhe o sentido, são elas: *ir* (de...) *a*, *para*, *até* (a...) e *ir em...* .

O autor observa que há uma diferença entre “*ir a*” / “*ir para*”. “*Ir a um lugar*” transmite a ideia de voltar breve, não estabelecer residência no local. Já “*ir para um lugar*” transmite a ideia de maior permanência ou estabelecimento de residência no local. Segundo o gramático, “na fala brasileira, prevalece *para* (em qualquer dos dois sentidos) sobre o *a*, de pouco uso por falta de corpo fonético” (LUFT, 1995, p. 342).

O autor aponta ainda que:

No português brasileiro também ocorre *ir em*, sobretudo na fala, o que pode ser até sobrevivência da língua arcaica, herança da língua-mãe. [...] Mesmo assim, em linguagem culta formal, sobretudo escrita, recomenda-se *ir a* ou *para*. (LUFT, 1995, p. 342, grifo do autor)

Diante do exposto, observamos que, além da questão da predicação do verbo “ir”, o uso das preposições regidas por ele também geram discrepâncias entre os usuários da língua portuguesa, que precisam estar conscientes de que há diferenças entre língua oral e língua escrita, principalmente, em relação às regras de sintaxe de regência.

Nesse sentido, Henriques (2011) afirma que “o estudo da Regência Verbal é muito importante para frisar que o uso culto contemporâneo contraria os hábitos da língua padrão” (HENRIQUES, 2011, p. 46).

1.3.– A natureza do complemento verbal (objetos direto e indireto)

Como já discorremos no tópico sobre predicação verbal, os complementos verbais são os termos que completam o sentido dos verbos transitivos diretos e transitivos indiretos.

Embora, dentre os gramáticos pesquisados nesta análise, apenas Luft (1995) tenha arrolado o verbo “ir” como transitivo indireto, consideramos necessário fazer menção da natureza do objeto, especialmente, do seu núcleo.

Segundo Paschoalin e Spadoto (1996), “o núcleo do objeto é a palavra principal desse termo. Ele pode ser constituído: de um substantivo, de uma palavra substantivada, de qualquer pronome substantivo e de um pronome pessoal oblíquo.” (PASCHOALIN E SPADOTO, 1996, p. 201)

Rocha Lima (2002), ao abordar o emprego do substantivo, também afirma que essa classe de palavra figura na frase como núcleo de várias funções, dentre elas objeto direto, objeto indireto e complemento circunstancial.

Quanto ao complemento circunstancial, já mencionamos que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) só abriga dois tipos de complementos verbais, ou seja, objeto direto e objeto indireto. Sendo assim, a NGB o arrola entre os adjuntos adverbiais, cuja natureza analisaremos a seguir.

1.4.– A natureza do adjunto adverbial

Entendemos como necessário esclarecer a natureza do adjunto adverbial visto que a maioria dos gramáticos citados nesta análise admite que o verbo “ir” requer um complemento cuja função assemelha-se à do adjunto adverbial, tanto que a NGB o arrola como tal.

Conforme Paschoalin e Spadoto (1996), “adjunto adverbial é o termo que se refere ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, indicando-lhes uma circunstância”. Segundo as autoras, “o adjunto adverbial pode ser constituído de advérbios, locuções ou expressões adverbiais”. (PASCHOALIN E SPADOTO, 1996, p. 212)

2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Tendo em vista a falta de consenso entre os estudiosos quanto à transitividade do verbo “ir”, principalmente no que tange à natureza e à nomenclatura de seu complemento, analisaremos quatro livros didáticos e três gramáticas pedagógicas, a fim de se verificarmos a forma como seus respectivos autores abordaram o verbo “ir”, objeto de nosso estudo.

Priorizamos analisar, nesses materiais, os tópicos gramaticais: predicação verbal e regência verbal. Nos livros didáticos, eles são apresentados, geralmente, nos volumes de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II.

2.1 Análise dos livros didáticos

2.2.1 Volumes de 8º e 9º anos da coleção Português: leitura, produção, gramática, da autora Leila Lauer Sarmento, editora Moderna.

No exemplar do 8º ano – no qual a autora discorre sobre tipos de verbos e de predicados, objeto direto e objeto indireto e adjunto adverbial (capítulos 1 e 2 da unidade III e capítulo 1 da unidade IV) –, não há menção de exemplos utilizando o verbo “ir”.

Já no exemplar do 9º ano – no qual se discorre sobre regência verbal (capítulo 2 da unidade IV) –, Lauer (2006) inclui o verbo “ir” na lista de verbos, da seguinte forma:

Ir

É usado com as preposições **a** e **para**.

- O presidente **vai** à praia/para a Rússia este mês.
→ dirige-se – transitivo indireto

(LAUAR, 2006, p. 292, grifo da autora)

Observamos, nesse exemplo, que a autora compartilha da mesma opinião de Luft (1995), que, em seu dicionário de regência, classifica em primeiro lugar o verbo “ir” como transitivo indireto.

2.2.2 Volumes 8 e 9 da coleção Projeto Araribá: português, editora Moderna.

No volume 8 – em que se apresentam os conteúdos: transitividade verbal, objeto direto e objeto indireto, adjunto adverbial e predicado verbal (unidade I) –, não há menção de exemplos utilizando o verbo “ir”.

Já no volume 9 – no qual se discorre sobre regência verbal (unidade V) –, a editora Moderna (2007) inclui o verbo “ir” na lista de verbos, da seguinte forma:

Ir

Verbo intransitivo que exige a preposição *a* ou *para* quando há indicação de lugar (adjunto adverbial).

Exemplos: Vou *à* academia de ginástica porque gosto.
Foi *para* o local combinado.

Na língua informal, principalmente na fala, é frequente o uso da preposição *em*.

Exemplo: Fui *na* feira só para comprar tomate.
(EDITORA MODERNA, 2007, p. 165, grifo da editora)

Ao incluir o verbo “ir” na categoria dos verbos intransitivos, a obra em questão endossa a opinião da maioria dos gramáticos citados nesta análise, porém, nela não se nomeia nem se especifica a natureza dos complementos desse verbo.

Notamos, então, que a mesma discrepância de opiniões existente entre gramáticos tradicionais acerca da transitividade do verbo “ir” se faz presente também entre os livros didáticos analisados neste estudo, embora as duas coleções tenham sido publicadas pela mesma editora.

2.3 Análise das gramáticas pedagógicas

2.3.1 Gramática de hoje, dos autores Ernani Terra e José De Nicola, editora Scipione.

Nessa obra, no tópico sobre predicação verbal, Terra e De Nicola (2008), embora não mencionem especificamente o verbo “ir”, fazem a seguinte observação quanto aos verbos intransitivos:

Os verbos intransitivos, embora não exijam complemento, podem vir acompanhados, no predicado, por termos que exprimem circunstâncias de tempo, modo, lugar etc. (adjunto adverbial) ou por algum atributo do sujeito (predicativo). (TERRA E DE NICOLA, 2008, p. 256)

Tal observação é retomada pelos autores quando, no tópico sobre regência verbal, dá-se ênfase ao uso de diferentes preposições com os verbos “ir” e “chegar”:

Alguns verbos intransitivos, sozinhos, não possuem sentido completo, exigindo um adjunto adverbial. É o caso dos verbos **ir** e **chegar**.

Na linguagem do dia a dia, é comum observarmos construções com esses verbos não recomendadas na linguagem formal, já que se emprega uma preposição no lugar da outra. No padrão formal da linguagem, devemos dizer:

Amanhã vou **ao** cinema. (E não: Amanhã vou no cinema.)

Aos domingos, costumamos ir **à** missa. (E não: Aos domingos, costumamos ir na missa.)

Chegaremos cedo **a** Florianópolis. (E não: Chegaremos cedo em Florianópolis.)

Finalmente chegamos **à** praia que procurávamos. (E não: Finalmente chegamos na praia que procurávamos.)

(TERRA E DE NICOLA, 2008, p. 338, grifo dos autores)

2.3.2 Aprender e praticar gramática, do autor Mauro Ferreira do Patrocínio, editora FTD.

Ao discorrer sobre a classificação dos verbos significativos, o autor da obra em questão não menciona nenhum exemplo utilizando o verbo “ir”.

No entanto, no tópico sobre regência verbal, Patrocínio (2011) arrola o verbo “ir” entre alguns verbos que apresentam diferenças na transitividade quando empregados na variedade popular e na variedade padrão:

Ir/chegar

Esses dois verbos são intransitivos; não apresentam objeto, e sim adjunto adverbial de lugar. [...]

Na variedade coloquial	Na variedade padrão
Apresentam a preposição em iniciando o <i>adjunto adverbial de</i>	Apresentam a preposição a iniciando o <i>adjunto adverbial de</i>

<i>lugar. Assim:</i> - <i>ir em</i> [algum lugar] - <i>chegar em</i> [algum lugar]	<i>lugar. Assim:</i> - <i>ir a</i> [algum lugar] - <i>chegar a</i> [algum lugar]
--	--

(PATROCÍNIO, 2011, p. 632, grifo do autor)

2.3.3 Estudos de gramática, dos autores Gilio Giacomozzi, Gildete Valério e Cláudia Molinari Reda, editora FTD.

Embora nessa obra os autores não citem nenhum exemplo utilizando o verbo “ir”, ao discorrerem sobre o tópico verbo intransitivo e verbo transitivo, fazem uma observação sobre a transitividade do verbo *voltar* que, por analogia, pode ser aplicável ao verbo “ir”:

Pedro voltou ontem de Recife.

No exemplo acima, a oração não termina no verbo *voltou*. Há ainda a informação de *quando* Pedro voltou (= ontem) e de onde (= de Recife). Isso não significa que o verbo deixa de ser intransitivo. O verbo **voltar** continua *intransitivo*, pois se retirarmos as palavras que o acompanham (ontem, de Recife) o sentido permanece. O verbo **voltar** não precisa de objeto, embora possa apresentar circunstâncias de lugar, tempo, companhia, modo [...] (GIACOMOZZI; VALÉRIO; REDA, 2009, p. 285, grifo dos autores).

Diante do exposto, percebemos que os autores das gramáticas pedagógicas analisadas neste estudo são unânimes quanto à transitividade do verbo “ir”, classificando-o como intransitivo. Além disso, eles também concordam entre si que, embora o verbo “ir” seja intransitivo, vem acompanhado, no predicado, por termos de natureza adverbial, exprimindo circunstâncias de lugar, tempo, companhia, modo, entre outras.

3 CONCLUSÃO

Diante do pressuposto acerca das divergências existentes entre gramáticos quanto à transitividade do verbo “ir”, principalmente no que tange à natureza e à nomenclatura de seu complemento, este estudo, cujo objetivo era apresentar a existência de divergências de nomenclatura gramatical nas obras de alguns autores/gramáticos, conceituou certos fenômenos e termos gramaticais, segundo alguns gramáticos, como predicação verbal, regência do verbo “ir” e natureza dos complementos verbais (objetos direto e indireto) e do adjunto adverbial para orientar melhor os leitores.

Como metodologia, analisamos livros didáticos e gramáticas pedagógicas a fim de observar como seus autores apresentaram o conteúdo transitividade do verbo “ir” em suas obras.

Após análise e discussão dos dados, obtivemos como resultado a constatação de que não é consenso entre os estudiosos a natureza e a nomenclatura desse complemento que, por vezes, é chamado de complemento de lugar, expressão adverbial, complemento de natureza adverbial, complemento circunstancial, termo locativo e objeto indireto, embora a NGB só abrigue dois tipos de complementos verbais, ou seja, objeto direto e objeto indireto.

Concluimos que a mesma discrepância de opiniões existente entre gramáticos tradicionais acerca da transitividade do verbo “ir” se faz presente também entre os livros didáticos analisados neste estudo.

Quanto às gramáticas pedagógicas analisadas neste artigo, percebemos que seus autores são unânimes quanto à transitividade do verbo “ir”, no que diz respeito à classificação e natureza do termo que o acompanha no predicado.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Lições de português pela análise sintática*. 16. ed. rev. e ampl., com a solução dos exercícios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

EDITORA MODERNA. *Projeto Araribá: português: ensino fundamental*. 2. ed. São Paulo, 2007.

GIACOMOZZI, G.; VALÉRIO, G.; REDA, C. M. *Estudos de gramática: língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2009.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe: estudos descritivos da frase e exercícios com respostas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. (Coleção Português na Prática).

LUFT, C. P. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo linguístico*. 8. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

PASCHOALIN, M. A.; SPADOTO, N. T. *Gramática: teoria e exercícios*. São Paulo: FTD, 1996.

PATROCÍNIO, M. F. do. *Aprender e praticar gramática*. São Paulo: FTD, 2011.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 42. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

SARMENTO, L. L. *Português: leitura, produção, gramática*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

TERRA, E.; DE NICOLA, J. *Gramática de hoje*. São Paulo: Scipione, 2008.

Recebido em 12/07/2015.

Aceito em 12/08/2015.